

Quando o jornalista Samuel Wainer decidiu que Porto Alegre teria uma sucursal de seu nacionalmente famoso jornal Última Hora me ofereci para trabalhar como repórter. Eu havia completado o segundo grau e carregava uma vocação de jornalista desde a infância. Eu tinha um empírico laboratório fotográfico no que fora no passado a casinha do chalé de meus pais, e ali revelava fotografias que tirava de temas urbanos.

Apresentei-me ao chefe da redação, o jornalista Ivo Corrêa Pires que, como todos na redação, eu descobriria logo em seguida, não tinham curso de jornalismo, de uma Faculdade que engatinhava naquele fim da década de 1950. Me apresentei ao Ivo e ele me deu uma tarefa impossível, como forma de se descartar de jovens que se ofereciam para ser repórteres. Sai a campo e vi que nada podia ser feito. Ao invés de ir para a redação, onde seria por certo descartado, fui para casa e apanhei uma foto de uma colisão de ônibus na esquina das ruas Dr. Sebastião Leão com Lima e Silva. Escrevi um texto sobre a precariedade daquele cruzamento e voltei para a redação. Ivo indagou-me o que havia recolhido. Disse que nada; porém, tinha um material que passei às suas mãos. E comecei a trabalhar como jornalista profissional, sob as ordens do Ivo numa relação muito afetiva. Era nosso chefe o jornalista Nestor Fedrizzi. Eu queria encontrar uma foto do jornalista Ivo Correa Pires no onipresente Google. Não encontrei, senão que escassas referências de sua passagem por órgãos da atual RBS. Merecia, pois comandava a redação do jornal que sacudiu com os locais ao introduzir regras modernas na redação com a introdução do copidesque, da diagramação – trouxe o argentino Aníbal Bendatti, que criou o moderno visual do jornal – e, em tempos de fotos em preto e branco, havia o retocador das fotos. No uso das modernas câmeras substituiu, no registro de partidas de futebol, a foto estática dos times em disputa, por instantâneos que capturavam atletas em movimento.